

**Associação Brasileira de Antropologia**  
**Prêmio Claude Lévi-Strauss – Modalidade B**

Jose Luis Abalos Junior

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL), Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV)

Trabalho de Conclusão de Graduação

Bacharelado em Ciências Sociais

**Jogando com MC's: identidade, estilos de vida e performance em uma experiência  
etnográfica na “Batalha do Mercado”.**

Orientação: Cornelia Eckert

Link para o CV Lattes do/a candidato/a

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4354403T8>

Link para CV Lattes do/a orientador/a

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4788225Y6>

## Resumo

Este trabalho é síntese do Trabalho de Conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais no qual realizei pesquisa vinculada ao Departamento de Antropologia Social/UFRGS, e das minhas reflexões junto ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) e ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS) grupos de pesquisas ao qual me vinculo. Abordo um evento específico denominado “Batalha do Mercado” ligado à cultura Hip Hop em Porto Alegre. Primeiramente reflito sobre a trajetória de Madyr, o “Amarelo”, um *master of ceremony*, usualmente “MC”, que faz recombinações musicais reinventando não só sua musicalidade, mas também seu campo cultural. Posteriormente descrevo este jogo envolvente como um processo ritual e um espaço de performance em que o MC, através de duelos verbais, explicita inúmeras questões de identificação no “conhecimento” e no “sangue”. Logo após reflito sobre questões de consumo ligadas ao vestuário, marcas e acesso a tecnologias, que atentam para uma busca de existência de um sujeito MC. Finalizo abordando o advento da internet, assim como o acesso e o sucesso dos MCs nesta, e a lenta e gradual participação das mulheres neste cenário cultural como os elementos históricos e mais significativos que marcam o nascimento de uma “nova geração” do Hip Hop em Porto Alegre.

...Falar é combater no sentido de jogar. Isso não significa necessariamente que se joga para ganhar. Pode-se realizar um lance pelo prazer de inventá-lo. A invenção contínua de construções novas, de palavras e de sentidos que, no nível da palavra, é o que faz evoluir a língua e proporciona grandes alegrias.

(LYOTARD, Jean-François. 1986).

Quando conheci Madyer, através de uma reportagem sua que saiu no jornal Diário Gaúcho de Porto Alegre, percebi que ele tinha um perfil híbrido: Madyer Fraga mais conhecido como “MC Amarelo” é branco, tem 17 anos e mora num bairro periférico de Porto Alegre. Carrega uma consigo uma expressividade de uma determinada cultura negra da qual me falou um tempo depois que o comecei a acompanhá-lo. Minha curiosidade se voltava para saber em quais os ambientes que ele tivera recebido sua formação e quais são as redes de sociabilidade atuais. Acompanhar a trajetória de Madyer me pareceu uma interessante estratégia para capturar certa lógica das infraestruturas dos fluxos culturais (APPADURAI, 1992) marcadas no seu cotidiano que fazem que se desenvolva na sua narrativa uma hibridização entre o local e global, bem como um processo de subjetivação envolvido numa multiplicidade de agenciamentos, no qual Madyer é estruturado e estruturante.

Ao longo do acompanhamento que realizei com o consentimento do meu interlocutor comecei a me perguntar acerca das comunidades antropológicas e das maneiras de pensar e viver que emergiam na onda dessa cultura do Hip Hop em Porto Alegre. A reportagem que saiu no dia 14 de Março de 2014 trazia o seguinte título “Madyer Fraga é a nova geração do RAP: ousadia e RAP com Milonga” e me chamou atenção principalmente por ressaltar uma dicotomia entre a Milonga, associada a um estilo tradicionalista de música, e o RAP ligado a uma modernidade musical. Então o que Madyer de certa forma operacionaliza através da música não é somente uma articulação entre dois estilos de musicalidades distintos, e sim um diálogo interessante entre tradição e modernidade, cultura global e local.

Madyer começou a escrever poesia e a rimar (Freestyle) desde muito novo através dos espaços de sociabilidade do qual frequentou na infância. Ai entra a figura do pai que sempre ouviu musica tradicionalista em casa e tem uma identificação com a cultura gaúcha. Entre a casa e a rua, o tradicionalismo gaúcho e RAP contemporâneo, há cerca de um ano atrás ganhou sua primeira batalha de MCs no seu bairro. Conta o que “no início meu pai, não me deu apoio. A ideia de eu gastar boa parte do meu tempo me dedicando a aprender a rimar e escrever não era legal pra ele”. O apoio familiar veio quando através do contato deste jovem com um

determinado produtor musical do centro da Porto Alegre realizaram as primeiras gravações. Sendo assim Madyer é subjetivado tanto pela experiência musical que teve em casa, quanto a que teve na escola. Na “zona intersticial” (HANERZ, 1992) de um e outro produziu canções como “Chama Criola” que articula musicalmente o tradicionalismo gaúcho e o RAP. Segue uma estrofe da música na qual denota certo processo de subjetivação associado à busca de uma originalidade:

“Amadurecei, cresci, evolui. Madyer vulgo amarelo, sementes plantadas no caderno.  
Interesse e azar não preciso, lagrima e o mar trocada por um sorriso.  
Sabedoria na caneta, aguerrido na batalha a gente entra.  
Faça tua trilha, insista na vida, sem mistério rima ao jeito gaudério.  
Não tendo medo de cara feia, e jamais eu fujo da peleia.  
Três letras estilo musical, diferença vem em ser original...”

É neste lugar de fronteira que surge o sujeito pós-moderno, dito como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. “A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assumiria identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Há outros conceitos como o de “híbrides” e em outras palavras “mistura” (HANERZ, 1978). Está na “margem” é a interpretação contemporânea das recombinações culturais trazidas pela globalização. Seria uma fonte de novação cultural. A conjunção cultural de diferentes culturas seria catalisadora da criatividade cultural e daí surgiria um genuíno terceiro sistema sociocultural, englobando duas partes, fruto do processo de difusão. Obviamente o conservadorismo surge como resistência, mas este não seria, não é e não será motivo para o fim das recombinações culturais.

De certa forma um link com atividade cultural que Madyer realizado enquanto “misturador”, agente da hibridização de formas musicais atreladas a todo um sistema simbólico de valores e práticas é significativa. Assim como um pai tradicionalista não detém a ímpeto criativo do filho, outras culturas tradicionais estão inexoravelmente atreladas a globalização? Quais são as ressignificações? Madyer me disse que seu pai anda ouvindo RAP e que ele, enquanto MC tem projetos de articulação do RAP com o tango argentino. Novidades a vista.

## **A batalha como ritual: performance, “conhecimento” e “sangue” em um jogo envolvente.**

Fui a Batalha do Mercado com interesse em analisar os elementos de processos rituais e performances no meio deste jogo envolvente. Depois de localizar nas redes sociais a página do evento entrei em contato com a organizadora de tal: trata-se de Aretha que é negra, mora e sempre morou no bairro Lomba do Pinheiro e me disse querer entrar na universidade ano que vem. Nos próximos meses pretendo realizar um acompanhamento e um mapeamento de sua trajetória assim como fiz com Madyer. Na batalha percebi pouco trânsito de pessoas de grupo pra grupo, parecendo que eram de locais distintos e não se conheciam. O que evidencia certa pluralidade de grupos ali presentes. Outro elemento que me deparei foi o que a maioria dos MCs se diziam novatos na batalha, que seria a sua primeira batalha. Voltando a falar com Aretha essa me disse que realmente, em toda batalha, chega muita gente nova tanto como público, quanto como Mc para duelar. Dentro do público presente, me falou que muitos não eram MCs, eram Rappers que curtiam a batalha. Esses faziam letras e eram do papel e da caneta, mas não sabiam fazer o “Freestyle”. Ficaria a cargo dos MCs o ato da rima e do estilo livre que caracteriza os jogos das batalhas de MCs. Nesse momento Aretha me falou um pouco das batalhas que inspiraram a batalha do Mercado de Porto Alegre: são elas primeiramente a de “Santa Cruz”, em São Paulo, onde surgiram MCs famosos como “Emicida” e “Criolo”, e posteriormente a “Batalha da Leste” que, de fato, inspirou muito ela a organizar a do Mercado. Nesse sentido há certa rede de batalhas da qual a do Mercado representa Porto Alegre.

Relaciono essa pesquisa ao conceito de performance trazido por Richard Scherchner pois para o autor há um processo ritual onde há: ruptura, crise, ação reparadora e reintegração. Uma das coisas essenciais na performance é o espaço da própria, nesse sentido trago um exemplo do diário de campo que escrevi onde percebe-se que questões ligadas ao cenário da batalha são parte integrante da performance dos MCs no momento de Freestyle:

“Antes de a batalha começar, eram 22h e 25min, começou uma roda de MCs em um canto da praça. Tratava-se do que posso chamar de “pré-batalha” onde alguns MCs já inscritos que iam duelar, estavam rimando. Junto a eles estava Arthur, um Mc que trazia consigo uma caixa de som na qual havia uma batida em que os MCs ao rimar entram no ritmo. Tais jovens eram novatos na “arte do improviso” e articulavam esse espaço anterior a batalha para se conhecerem e para treinar possíveis rimas que podiam aparecer no momento do combate oficial. O local era de muito baixa luminosidade, fato que fazia com que os rimadores carregassem consigo uma lanterna do seu celular direcionando-a para seus rostos. Tal luminosidade dava um aspecto um tanto especial às questões do olhar e do movimento facial “iluminado”, fato que os faziam gesticular movimentos com a cabeça e as mãos no momento da rima.”

Chega então a hora da Batalha do Mercado e o público se dirige ao centro do espaço da praça formando uma grande roda onde Aretha fica no meio junto com os MCs que vão para

batalha. A organizadora tem certa experiência no papel que desempenha e estabelece algumas normas: 1) o público deve ficar em silêncio evitando papos paralelos que atrapalhem o som das vozes dos MCs batalhando, essas conversas desconcentrariam os MCs no momento de fazer o melhor Freestyle; 2) Os MCs que batalham devem falar alto em bom som, pois não há microfones e nem som de batida de acompanhamento; 3) a roda central, espaço de ocupação dos MCs que duelam deve ser grande e estar sempre aberta, sendo que a todo momento há gritos de “Abre a roda”, explanações vistas de maneira sexualizada por muitos e motivo de piadas no grupo. Parece que o momento da batalha é um momento de união dos diferentes coletivos que ali estão. Com cerca de cem pessoas a roda do público que assiste ficou enorme e procurei me posicionar logo na frente para poder ver e ouvir melhor os duelos. Bem posicionado para assistir fiquei mais ou menos ao lado de Aretha onde consegui espiar no seu caderno o nome dos MCs que estão inscritos na batalha. Curiosamente antes de começar o público todo começa a manifestar a palavra “sangue”, por vezes “sangre”, em forma de preparação para as batalhas. Isso parece fazer parte de um modo de “esquentar o clima” para as batalhas, pois os MCs ficam mais pilhados, explicou-me Arthur (não sei o apelido) ao meu lado com seu som desligado. A vitória na batalha de um, ou outro Mc se dá no grito do público. Logo que termina a batalha Aretha pede apoio para um dos candidatos e público responde com som verbais como “uouu” e o que tiver mais aceitação ganha. Outra regra é a de que quem termina um “round” começa o próxima. São dois rounds se o mesmo for o ganhador nos dois. Caso contrário há um terceiro round em que Aretha sempre provoca o público na hora da dúvida “apoio pra terceira?”



Momento de performance dos MCs na batalha – Foto de CC BY-SA Overmundo



O público também performatiza no ritual da batalha interagindo os MCs –  
Foto de CC BY-SA Overmundo

Para Stanley Tambiah são vários os fatores que caracterizam a performance. A importância da audiência relacionada abordagem de Goffman em que há certa teatralidade ritualística pode ser relacionada com a Batalha do Mercado. Pensar, agir e produzir eficácia são elementos relacionáveis nesse ritual contemporâneo. No que se refere a produzir eficácia o autor fala em “trazer coisas com as palavras”, ora num duelo onde o vencedor é escolhido pela sua capacidade de improvisar versos e rimas no Freestyle a relação parece válida: quanto mais elementos discursivos atraentes ao público, ou seja, que compartilhem os mesmos códigos, mais este MC terá a esperada aprovação coletiva. Um outro elemento é a estratégia de produzir experiências. Não são raras as vezes MCs no momento do combate usam do sorriso, por vezes expresso verbalmente através do riso, para tirar a atenção/desqualificar a rima do seu combatente. Suscitar cosmologias também parece ser um elemento relacionável ao evento da batalha do mercado. Por diversos momentos ser um autêntico MC do Hip Hop é posto em questão no jogo: a cultura RAP é revisita por estes rimadores em vários momentos como estratégias discursivas de autenticidade. Nesse sentido “performatizar é produzir a violência” (TAMBIAH, 1999), pois para ser eficaz é preciso ganhar. Estabelecendo estratégias discursivas como desqualificações estéticas ligadas à roupa (de marca ou não) cor de pele, sexuais e territoriais (de onde vem) os MCs fazem um Freestyle que parece agradar mais o público

ouvinte que delira aos gritos de “Sangue, sangue, sangue” para fomentar uma agressividade mais nas rimas do MCs. Através de duelos verbais o ataque, o sangue, a violência, são elementos integrantes da performance do MC na Batalha do Mercado, o que não nega momento de uma busca de reconhecimento através de um discurso político identitário agregador.

Dentro do cenário de “Batalha de MCs” surgem várias modalidades como a Batalha de “Sangue” e a Batalha de “Conhecimento”. A primeira se encontra dentro de uma ideia de “esculacho” onde MCs trocam acusações para esculachar seu oponente se utilizando de desqualificações ligas principalmente a: 1) aparência/sexualidade/proveniência geográfica, 2) Agressividade na composição da rima, 3) Auto exaltação como verdadeiro MC. Já a Batalha de Conhecimento tem o objetivo de através de temas específicos exigir do MC uma capacidade de improvisação em cima do tema proposto. Esse modelo de batalha tem um caráter mais político/cultural onde surgem questões principalmente relacionadas a: 1) Tom agregador por uma identidade cultural sem desqualificação do oponente, 2) Busca de uma representação da cultura RAP, 3) Humildade como um valor. Por mais que o público se identifique mais como rimas acusatórias no momento de decisão do vencedor, todos estes elementos estão presentes na Batalha do Mercado que se encontra na “fronteira” (HANERZ,1992) entre sangue e conhecimento.

Segue uma transcrição dos embates realizados na edição de abril deste ano que creio se encaixarem dentro dessa proposta de analisar batalhas de “sangue” e “conhecimento”. Como exemplo da primeira, trago as rimas do “MC Marlon” e “MC Nego Espanto”. Como não possuo ainda transcrições das batalhas específicas de conhecimento\*, demonstro parte do duelo entre “MC Gardê” e “MC Abu”. Duelo que se mostrou bem diferente das batalhas de sangue.

### **Batalha de Sangue**

*“MC Marlon*

Eu começo é de pira aqui, vou começar pra mostrar que eu sei fazer ataques. Sai da minha frente tu é “marramelão” ai tu vai cair é de cara aqui no chão. Vou te estraçalhar e é de verdade, iraquiano com a qualidade. Tiro na cabeça, sai da minha frente, que tu não merece ser chamado de MC. Vou mostrar quem é verdadeiro chegando por aqui. Batalha do Mercado não sei por que tu colou, por que tu só faz rima na baia, na frente do ventilador. Então sai da minha frente vou te mostrar que o pensamento é muito mais que quente.

*Público*

Sangue, Sangue, Sangue

*MC Espanto*



Se tu é do Iraque por que esse sutaque de estilo gaudério. Aqui o meu irmão eu te falo de verdade e não falho. Eu sou estudante, mas eu vou te falar, aqui o meu sorriso é caro, mas eu vou elaborar. Mas eu vou te dizer é claro de verdade, aqui eu não sei vencer ou perder. Eu só quero te dizer, uma coisa esclarecer, todo mundo é igual e não me leve a mal, eu sou estudante e faço RAP seu paga pau. Começa a escutar aqui não é bosta que eu to a liberar, meu versinho, aqui no sapatinho, então ta, então ta, então a rimar. E no ventilador eu vou é estraçalhar é a sua cabeça pra se começa a entrar o meu versinho, pra depois tu elaborar. Então tá, começou a escutar a voz da violência ou é claro vai largar.”

### **Batalha de Conhecimento**

*MC Abu*

Esclarecendo a situação não vou vandalizar, não vim pra xingar, ou vou representar. O RAP é minha alma pode crer que eu vou falar. O RAP do mercado pra tu compadecer. E agora eu vou falar, pode crer meu procede. Vamos trocar uma ideia, fazendo um freestyle, aumenta o som da caixa, não pode parar o baile, o bagulho é muito loco, RAP no coração e a fumaça vai pro coco. Vou representar a firma, enquanto nós vai rimando. Com os manos e as mina, e a gurizada dos dreads que fuma do fininho. Enquanto eu vou na minha seguindo no sapatinho. E quanto tempo tem, me avisa por favor, que o meu relógio é louco e tempo já voou.

*Público*

Uouuu

*MC Gardê*

E falando desse papo vou falando de talento. Se tu não ta ligado essa rima é de momento. O “4 e 20” partiu, mas nós ta aqui. E se tu não ta ligado eu vou mandar e é aqui. E é agora, rapidinho, vou mandando pra você. Se tu não ta ligado eu me apresentou eu sou Garde. E nessa rima eu vou falando, no papo, é na ideia. Ta ligado e aqui é nós, na batalha e eu vou na velha. Vou mandando um “Old schooll” eu curto um Mister Rap. Vou mandando esse papo ta ligado não se mete eu sou Gardê. Vou falando na moral, eu to de boa, represento o RAP é de Canoas. O bagulho é muito louco, não vou falar nada, não vou te xingar por que há! “4 e 20” eu não ganhar. Eu não rimar. Pra mim valeu só por rimar contigo, com o mano que poh, me escolheu. Como amigo, como hino, ta ligado eu vou mandando. E acabando por aqui, ta ligado representando.

### **Consumo e reconhecimento: o caso da “Banca Clandestina”**

Se grupos de jovens ligados a uma dita cultura RAP representam novas linguagens e comportamentos, eles são influenciados e influenciam diretamente os hábitos de consumo (BAUMAN, 2007) Este consumo globalizado promove conexões estéticas e comportamentais com outros jovens ao redor do mundo, principalmente pelo acesso à internet e todas as ferramentas. Por mais que estes jovens participantes desta batalha venham periféricas da cidade há por parte deles um acesso a bens de consumo como celulares com câmera que transitam,

documentam e disponibilizam na internet conteúdos. Tal conjunto de informações é fator de subjetivação por parte do MC que se reinventa a cultura RAP e se reinventa a cada batalha que participa.

Uma das primeiras coisas que percebi ao acompanhar a Batalha do Mercado foi certa homogeneização marcada, por exemplo, nas vestimentas e nos códigos linguísticos da comunicação informal como gírias. Estas se associam muito a origem do RAP americano denotando um fluxo cultural (APPADURAI,1992) representado nas roupas largas, boné de aba reta e na performance destes MCs. O uso de tais acessórios na vestimenta é parte integrante no desempenho do MC e através deles há códigos identitários ligados a marcas específicas do RAP (como a “Oakley”) que são compartilhados e dão categoria de existência ao MC. Estabelecendo uma relação entre cidadania e acesso a bens de consumo Lucia Scalco Mury que pesquisou jovens ligados ao fenômeno recente dos “Rolezinhos” ressalta que “a marca da roupa é muito valorizada pelo grupo, contribuindo para o processo de identificação e classificação. Neste sentido, tênis, calça jeans, bonés, roupas e objetos são sinônimos de status e de prestígio” (MURY, 2014). Contudo fica a pergunta: Sendo estes bem de consumo marcadores de estilo de vida (VELHO, 1992), onde os MC da Batalha do Mercado tem acesso a tais?

Durante o evento da Batalha do Mercado de Abril de 2014 fiquei sabendo por alguns MCs da “Banca Clandestina”. Trata-se de um dos únicos locais em Porto Alegre onde há um espaço destinado a ser loja de conveniências e estúdio de gravação voltado para o RAP. Fui conhecer este espaço num sábado onde tinha marcado previamente uma entrevista com Madyr. Localizada nos intermédios da Rua Fernando Machado a banca é um local de difícil localização. Em meio a prédios modernos e casas notadamente históricas da cidade este espaço frequentado por MCs se encontra numa pequena porta de uma antiga casa. Chegando ao local fui atendido por “Dion” um MC “das antigas” que já havia batalhado em muitos duelos de MCs, inclusive nos mais importantes do país localizados em São Paulo e no Rio de Janeiro. “Este espaço é um sonho que os MCs do RAP de Porto Alegre sempre tiveram” me falou o Dion me convidando para entrar e conhecer a banca. Logo na entrada vi camisetas, bonés, capas de celulares numa “loja feita para MCs” com as marcas que eram do gosto de quem fazia RAP. Segundo no espaço havia uma espécie de bar onde Dion me disse querer fazer um espaço de troca de experiências dos MCs da cidade. E no fundo havia um pequeno estúdio equipado de um computador, microfones e outros equipamentos de gravação. Dion me falou sobre como era o cenário antigo do RAP em Porto Alegre e de como a Internet, hoje, tem um papel crucial na dinâmica da

cultura RAP. No fim me deu de presente uma capa de celular da Banca Clandestina me pedindo para que voltasse à ao espaço para falar do andamento da pesquisa.



Dion e Madyer me apresentaram os espaços da “banca Clandestina” –  
Foto: Jose Luis Abalos Junior

### **Memória, tecnologia e gênero: a velha e a nova geração de uma cultura Hip Hop.**

A tradição dos estudos sobre “duelos verbais” é caracterizada pela preponderância de homens que praticam esse estilo de jogo (PAGLIAI, 2009). Em uma das edições que estive presente na Batalha do Mercado conheci “Ankh” uma menina MC que me disse “curtir batalhar”, mas não o faria ali se não fosse com outra “mina”. A minha curiosidade neste momento foi em saber se ela, como mulher, “rimava como homem”? Reproduziria certos códigos de um jogo eminentemente masculino? Quais eram as ressignificações discursivas de uma MC mulher no momento do duelo? Não tive a oportunidade de vê-la batalha ainda. Então a convidei para um bate-papo na Casa de Cultura Mario Quintana que ela aceitou. Numa tarde chuvosa descobri que o nome dela era Ankáris, tinha 18 anos e havia crescido “no meio de MCs”. “Ankh Rataria” como prefere ser chamada participa do grupo de RAP “Rataria” que, segunda ela, tem evoluído bastante no cenário desse estilo musical na cidade. Falou sobre o preconceito que existe no meio cultural do RAP quanto a integração de mulheres na batalha.

Diz que “se tu perguntar a qualquer MC ele sempre vai achar legal uma mina participando, mas na hora da batalha eles não sabem como batalhar com a gente...” Sendo assim não se trata simplesmente da presença de uma mulher batalhando, e sim de uma reinvenção trazida pela “nova geração” - da qual ela disse fazer parte - do RAP na cidade. Ankh me disse ainda que está sendo organizado para o final de Julho o “Primeiro encontro de minas MCs” que logo vai acontecer. Espero participar.

Para Appadurai a “obra da imaginação” é uma característica constitutiva da subjetividade moderna. O autor faz um paralelo entre os meios de comunicação de massa, ligados a formação de uma identidade nacional (soberania territorial), e meios de comunicação eletrônicos constituintes de imaginários pós-nacionais. Através dos discursos de Dion, Madyer e Ankh identificasse uma passagem de uma velha a uma nova geração. Uma geração mais antiga é lembrada por Dion como uma geração que teve muito mais dificuldades em nível de comunicação com a esfera pública. O monopólio cultural representado pelos meios de comunicação de massa como canais abertos de televisão e rádio dificultavam uma expansão massiva de uma determinada cultura subalterna vinda de periferias como o RAP. Tal comunicação se dava na “comunidade”, no bairro, e através de alguns grupos referenciais (como o Da Guedes) que divulgavam o RAP através de Shows, rádios comunitárias e raros espaços em televisão e rádio abertas. O programa “Radar” da TVE (rede do estado) é lembrado como um dos únicos espaços de comunicação aberto explicitamente ao RAP.

Uma “nova geração do RAP” se caracteriza por dois elementos chaves: a inclusão da internet na vida cotidiana de MCs e a gradual participação cada vez maior de mulheres nesta cena cultural. No primeiro caso, sobre a globalização da informação através da comunicação eletrônica Appadurai aponta o papel significativo do “mundo pós-eletrônico” e como ele transforma um mundo de condutas pré-existentes através da multiplicidade de formas, da rapidez no fluxo de informação e da presença no dia a dia e rotina das pessoas. Contudo ressalta que este é um projeto social em curso. Nesse sentido não é raro ver jovens presentes no público da Batalha do Mercado filmando, fotografando e usando um aporte de tecnologias para produzir conteúdo e disponibilizá-lo nas redes sociais. No que se refere a participação cada vez maior do público feminino, como Ankh, na batalha e na cultura RAP podemos associá-la um processo global de feminização das esferas sociais e culturais (HALL, 1999). Ao abordar o “deslocamento do sujeito cartesiano para um sujeito pós-moderno” Stuart Hall aborda descentramentos, sendo um deles ligados ao impacto do feminismo, tanto como teoria crítica, quanto como movimento social. O feminismo fez parte dos “novos movimentos sociais” e

constituiu o que veio a ser conhecido como política de identidade. Politizando identidades e processos de subjetivação o feminismo aparece no RAP através dessas implicações atuais na busca de um espaço de reconhecimento da mulher MC.

## **Conclusão**

Iniciei este trabalho falando como o MC Madyer, o “Amarelo”, que possui um perfil híbrido articulando formas musicais distintas e reivindicando assim uma experiência cultural ao seu próprio modo. Sua criatividade e seus desejos requerem formas analíticas capazes de abordar a singularidade da pessoa em meio a pluralidade do cenário cultural que ela está inserida. A “hibridez cultural” é chave do trabalho de Madyer que não se encontra musicalmente nem no tradicionalismo gaúcho, nem no RAP tradicional: assim fazendo representa a cultura como potencialmente inesgotável e torna-se o autor de si mesmo.

Logo após abordei a Batalha do Mercado pensando nas suas distintas formas de “conhecimento” e “sangue”. Através de uma pluralidade MCs presentes esta batalha se torna um espaço ritualístico de múltiplas performances, seja nos duelos verbais dos MCs, seja na interação do público com quem realiza o Freestyle.

O consumo aparece como parte integrante da busca de reconhecimento. Através dele o MC do RAP compartilha códigos identitários ligados à vestimenta e bens tecnológicos como celulares e acesso à internet. Mas não se trata unicamente de possuir, e sim de angariar uma existência social no meio cultural.

Finalizei visando associar o “advento da internet”, os processos de subjetivação envolvidos nesta como meio de comunicação alternativo e o “feminismo”, com suas diversas formas de manifestação nas organizações culturais, como os demarcadores que tem historicidade dentro do cenário cultural do RAP e demarcam um a trajetória de uma “velha” e uma “nova” geração.

## Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. "Aqui e agora". In: globalização. Lisboa: Editorial Teorema, 1996, p. 11-40. Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Editorial Teorema, 1996, p. 11-40.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia de Rua: Estudos de Antropologia Urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2013b.
- \_\_\_\_\_. O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Poa: DP&A, 1999.
- HANNERZ, Ulf. "Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras chaves da antropologia transnacional". In. Mana: 3 (1): 7-39, 1997.
- LYOTARD, J-F. O pós-moderno. São Paulo: José Olympio. 1986.
- MURY, L.; MACHADO, R. P.. Sobre bondes de marca: consumo e rituais entre jovens de baixa renda na cidade de Porto Alegre. In: Carmen S. Rial, Angela M. de Souza, Sandra Rubia da Silva. (Org.). Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas. 1ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2012, v. 1, p. 131-154.
- MURY, L. S. "Eu não sou o jovem pobre, favelado, sem perspectiva. Eu tô podendo". Entrevista especial para o IHU <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527574-o-consumo-enquanto-simbolo-de-empoderamento-e-cidadania-entrevista-especial-com-lucia-mury-scalco>
- PAGLIAI, Valentina. The Art of Dueling with Words: Toward a New Understanding of Verbal Duels across the World. Oral Tradition, 24/1 (2009): 61-88
- SCHECHNER, R. "Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral". In: Cadernos de Campo, São Paulo N°20. P. 213-236. 2011.
- TAMBIAH, Stanley. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. V.12. N°34. Pj, 5-37. 1997.
- VELHO, Gilberto. "Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas" (Zahar). 1992.